

ME, MÓ' RIAS DO AS FAL TO

Felipe Greco

Ilustrações
Cláudio Duarte

2ª edição



DESATINO

MEMÓRIAS DO ASFALTO

2ª edição

Felipe Greco

MEMÓRIAS DO ASFALTO

2ª edição

Ilustrações

Cláudio Duarte



DESATINO

Copyright © by Felipe Greco (romance) / © by Cláudio Duarte (ilustrações)

Edição, coordenação e projeto gráfico

João Felipe de Freitas Tavares

Capa

Ed. *Desatino* sobre desenhos de Cláudio Duarte (@ilustradorclaudioduarte)

Ilustrações

Cláudio Duarte

Diagramação

Desatino Ltda.

Revisão

Ana Maria Barbosa

Carmen T. S. Costa

Poemas citados:

"Quadrilha" – In: *Alguma poesia*, de Carlos Drummond de Andrade, Editora Record, Rio de Janeiro.

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond

www.carlosdrummond.com.br

"Das utopias" – In: *Nova antologia poética*, de Mário Quintana, Editora Globo, São Paulo.

© by Elena Quintana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB - 8/7057

Greco, Felipe

Memórias do asfalto / Felipe Greco ; ilustrações de Cláudio Duarte

-- 2. ed. -- São Paulo : Desatino, 2023.

96 p. : il.

ISBN 978-85-88467-42-2

1. Literatura infantojuvenil brasileira 2. Menores abandonados 3. Violência I.

Título. II. Duarte, Cláudio

23-5383

CDD - 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil brasileira

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com pessoas ou fatos reais é mera coincidência.

Graña atualizada segundo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou utilizada sob nenhuma forma ou finalidade, eletrônica ou mecanicamente, incluindo fotocópias, gravação ou escaneamento, sem a permissão escrita do editor, exceto em caso de reimpressão.

Editora Desatino Ltda.

Caixa Postal nº 77117

05711-970 São Paulo, SP

Fone: (11) 3502-3607

www.desatino.com.br / contato@desatino.com.br

Para

Sandra Ribeiro

Neli Chagas

Maria Elisa Di Giovanni

Conceição Magalhães (in memoriam)

Sinceros agradecimentos a

Lucia Riff e Miriam Campos

da Agência Literária BMSR,

pela liberação dos poemas.

*João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi pra os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.*

Carlos Drummond de Andrade, "Quadrilha"

1 - Gênese

Enquanto eu só empinava pipa e fazia desenhos com carvão nas tábuas dos barracos, não imaginava que os dias podiam ser traiçoeiros, nem que a vida fosse, assim, tão pesada como a d. Jurema (nome da minha mãe) vivia dizendo. Naquele tempo, por exemplo, eu ficava lá, no bem-bom, ainda sem sentir nada pelas minas. Mas depois fui crescendo e comecei com esse troço de arrastar um bonde pela Lurdinha, que era amarradona no Julinho, que vivia correndo atrás da Valquíria Zarolha, que andava se esfregando no entregador de bebidas, o Alcebíades, que era rolo da minha mãe, que se fazia de tonta pra não perder a cesta básica que ele dava pra ela de vez em quando, com lata de leite em pó, feijão, arroz e goiabada... Até aí, nada de tão absurdo... Gostar é isto: quanto mais o outro esnoba, mais a gente fica a fim... e acaba se enredando todo, que nem mosca na teia, antes de virar papa de aranha.



Não que eu estivesse morrendo de amores por uma mina, menos ainda pela Lurdinha, que nunca ia sentir nada por mim além de amizade, talvez um tiquinho de admiração pelos meus desenhos e muita pena por eu ser tão iludido em relação a ela. Mas acontece que era a primeira vez que eu não parava de pensar numa garota. De noite, demorava um tempão pra cair no sono. E quando conseguia, lá vinha a Lurdinha de novo, aporrinhar os meus sonhos. Acordava daquele jeito que os moleques acordam quando já não são tão moleques... O que era bastante complicado, pois eu dividia o beliche com o caçula, na sala, ao lado da televisão, que, aliás, nunca funcionou direito, nem dando murro. Daí, já viu... Eu não podia fazer nada... Ao menor movimento, a cama, de tão velha, rangia, e o moleque berrava, chamando a mãe, que tentava dormir no único quarto do barraco, atrás da cortina de plástico, junto com a nossa avó. É, cortina de plástico. Daquelas de banheiro de rico. Encontrei um dia, lá no meio do lixão. Boa! Inteirinha mesmo! Com borboletas azuis estampadas, argolas de acrílico.

Bacana tem cada uma que só vendo. Joga tudo fora: cachorro sarnento, gato banguela, até carteira cheia de dinheiro e fotografia de filho. Pobre, não. Pobre sabe o

valor das coisas. Principalmente das que nunca teve. Por isso existe tanto carroceiro nas ruas. É a pobreza tentando catar as sobras da fartura alheia. Assim, o miserável alimenta a ilusão de que faz parte de algo maior, nem que seja catando os restos daquilo que ele sabe que jamais poderá comprar. Reciclagem, dizem na tevê. Que nada! É fome! É desespero! É falta de tudo mesmo, o tempo todo!

Mas voltando... Eu só conseguia aliviar meus hormônios lá nos fundos, perto da cerca, quando a mãe levava o mano para a d. Joana cuidar. Um dia ela voltou rápido demais:

— Anda de safadeza, é, Xexéu? Espera só e vai ver o que faço contigo!

Daquela manhã em diante, fui proibido de voltar à escola. E até que eu gostava de estudar. Mais ainda das aulas de leitura e de desenho. Mas a mãe falou que se eu já tinha idade pra andar fazendo besteira escondido por aí, não precisava mais de conversa fiada de professora. Dizia que livro era coisa que só servia pra rico aprender a continuar mandando nos bobos, ou seja, em nós.

— Sem estudo e na rua, Jurema — berrava minha avó, indignada e apontando pra mim aquela sombrinha velha que ela usava pra se apoiar —, esse aí também vira ban-

dido, que nem o pai dele e os outros da família. Tem que acabar com isso, virar gente, mudar essa história triste que sempre acaba do mesmo jeito.

— Se for minha sina viver cercada de bandido — rebatia a mãe, farta de tanto catar latinhas vazias no Centro —, que esse aí comece logo. Já tá passando da idade. Qualquer dia ele não serve mais nem pra isso...

— Bate na boca, mulher, e pede perdão a Jesus!

— Também já tô cheia desse negócio de religião! Entreguei toda a minha poupança lá pr'aquela igreja, e olha só como a gente tá: pior que antes!

— Só recebe quem merece — bradava a velha, firme na sua fé.

— Sim, isso é o que eles dizem. Devo, então, ser a mais desgraçada deste mundo, porque, enquanto eles trocam de carro todo ano, sigo enterrada na lama. Cambada de vigaristas, isso sim!

Minha avó se jogava de joelhos e clamava aos céus:

— Pai de misericórdia, perdoa essa pobre louca! Ela tá com o diabo no corpo!

— Deus, se Ele é mesmo tudo isso que dizem dele, vai entender o que eu tô falando. E quer saber mais? Vai concordar comigo!

— Ah, Senhor, não vou continuar aqui ouvindo tanta barbaridade!

— É, acho bom mesmo! Anda, vai logo pra sua igreja. E deixa lá as últimas moedas da sua aposentadoria de fome. Talvez um dia eles levem a senhora pr'algum asilo. Mas não fala meu endereço, senão eles mandam a conta da gasolina, da internação, de tudo!

Horrorizada, a velha saía se arrastando porta a fora. Mal conseguia andar com aquelas ataduras recheadas de unguento. As varizes subiam e se enroscavam pelas pernas dela feito trepadeiras secas.

Essas discussões aconteciam diariamente. Mas é claro que a mãe falava tudo aquilo só da boca pra fora. Era uma vencedora na vida de miséria dela. Lutava como uma leoa pra receber quase nada em troca. Porém, ao contrário da vizinhança, jurava que, enquanto ela tivesse forças pra trabalhar, jamais daria um filho, nem por todo o dinheiro do mundo.

— Se eu pari — rosnava —, eu crio! Ou mato todos e depois me mato! Mas não entrego pra criarem por mim!

Uma noite, apareceu um velho sem metade da perna esquerda, querendo me alugar pra pedir esmola com ele

nos trens do metrô. Nem terminou de fazer a proposta, saiu pulando que nem saci, minha mãe dando com a vassoura na nuca do infeliz. D. Jurema tinha o pavio curto. Sofreu demais, não sabia receber nem dar carinho. Aprendeu a vida pelo avesso. Acabou secando de carne e de alma.

■ ■ ■

E as coisas lá no barraco esquentaram ainda mais quando o pai mandou um cartão de Natal. Como nunca tinha ninguém em casa, a Gringa, nossa vizinha e inimiga da mãe, recebeu o postal. De tardinha, ela veio entregar, com um sorriso largo e toda saltitante.

— Então, Jurema, parece que dessa vez eles vão soltar o Onofre.

— E você deve tá feliz, né, Gringa?

Foi a gota d'água a transbordar um oceano de antigas pendengas. Começou a baixaria. Minha mãe falou que a Gringa dava em cima do meu pai e que até fazia feitiço pra virar a cabeça do coitado. Mas que ela não se importava, que a outra ficasse com ele, se quisesse:

— É um traste, um inútil! Tive que criar sozinha os filhos dele!

Quando ouviu isso, a Gringa se enfezou toda, apoiou as mãos nas banhas da cintura e disse que minha mãe não

tinha vergonha na cara, que empurrou os filhos pro pobre do Onofre. “Um santo, coitado!”, disse, fazendo o sinal da cruz. Por isso ele aceitou aquela situação. “Que situação?”, pensei, mas não tive coragem de abrir meu bico. Nem foi preciso.

— Cala a boca, Gringa! Não vê que os moleques estão ouvindo?

— Pois é melhor que fiquem logo sabendo que eles já tinham nascido quando o Onofre te conheceu.

Nessa hora, minha mãe virou bicho, pegou a panela do fogo e despejou a canja rala nos pés da Gringa, que soltou um urro de porca sendo degolada.

Bem que a Gringa sentiu vontade, mas, como a casa dela vivia lotada de muamba do Paraguai, não pôde chamar a polícia. Dizem que curou as queimaduras com folhas de amoreira e baforadas de cachimbo da velha Zefa Benzedeira. De vez em quando, a Gringa largava um prato cheio de mandinga na porta do nosso barraco. Minha avó recolhia tudo num saco preto e levava para ser desfeito pelos pastores da igreja.

■ ■ ■

Durante a briga, o cartão do pai foi parar atrás do sofá. Peguei. Escondi. Esperei a noite ficar bem escura e fui ler

debaixo da luz do poste lá da esquina. Era cheio de erro, puro garrancho a letra dele. Só entendi “*abrassu forti nos menino*”. Nessa hora bateu aquela saudade. Por sorte, já era tarde e o beco estava deserto. Pela primeira vez chorei sem medo de levar uns cascudos da mãe.

■ ■ ■

Eu vivia cheio de perguntas que nunca tive coragem de fazer a d. Jurema. Às vezes, vendo o desânimo estampado no fundo dos olhos da mãe, como uma tatuagem que lhe haviam desenhado na alma, eu tinha a impressão de que ela também sentia muita vontade de me dizer um monte de coisas — boas ou ruins, não sei. Infelizmente, a sobrevivência não lhe dava trégua e cobrava um preço injusto. Não havia tempo pra conversa fiada, abraços, beijos, essas coisas que a gente só via na casa dos outros ou nas novelas. O mais próximo que minha mãe chegava de mim era com o cabo da vassoura, tamanco... Quando me acertava, doía pra burro! Mas, pra ser sincero, eu a irritava de propósito. Era o único jeito de fazer com que a d. Jurema percebesse que eu ainda precisava que ela me notasse.

Com meu irmãozinho, a história era outra. Caçula sempre apanha menos. No máximo umas palmadas de leve no traseiro e uns beliscões no braço. O pior sempre

sobrava pra mim. Principalmente quando a mãe resolvia descarregar toda a fúria que ela ia juntando por aí, ao catar as benditas latinhas. Viviam debochando da d. Jurema. “Lá vem a sucateira”, gritavam. E ela chegava no barraco bufando. Certa vez até desmaiei com uma pedrada que ela me deu na testa.

— Enlouqueceu, mulher? — berrou minha avó, e foi a última coisa que ouvi antes de afundar a cara no barro.

Felipe Greco sabe contar os segredos grudados no asfalto da cidade grande ou grafitados nas paredes... Assim é a história de Xexéu, comovente porque é a mesma de tantos manos que caem em um mundo que pode ser grande e muito bonito, mas também pode ficar pequeno, do tamanho de um xilindró ou de uma gaveta no necrotério, como diz Débora, uma das personagens que também caminha por esses labirintos.

Xexéu quer se livrar das lembranças para poder andar mais depressa. Nunca consegue. Tal qual uma mosca, vai se enredando em todo tipo de teia até, como ele mesmo sabe, virar papa de aranha.

Felipe Greco deixa Xexéu correr solto. E com emoção, ternura, revolta e humor, nós vamos com ele, aprendendo a ver a vida pelo avesso. Seguindo ao lado de Xexéu, com surpresa e espanto, conhecemos suas memórias — até aquelas que ele deve ter inventado para sobreviver.

Memórias do asfalto é um livro cruel e doloroso, mas é também poético e lindo!

Alcides Nogueira



© Foto: Rogério Tavares



Ficcionista e editor, Felipe Greco publicou livros para adultos, adolescentes e crianças. Em 2013, na adaptação para quadrinhos de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, a obra recebeu o Jabuti em duas categorias e, no ano seguinte, o Prêmio HQMIX de “Melhor Adaptação”.



“Eu vivia cheio de perguntas que nunca tive coragem de fazer a d. Jurema. Às vezes, vendo o desânimo estampado no fundo dos olhos da mãe, como uma tatuagem que lhe haviam desenhado na alma, eu tinha a impressão de que ela também sentia muita vontade de me dizer um monte de coisas — boas ou ruins, não sei. Infelizmente, a sobrevivência não lhe dava trégua e cobrava um preço injusto. Não havia tempo pra conversa fiada, abraços, beijos, essas coisas que a gente só via na casa dos outros ou nas novelas. O mais próximo que minha mãe chegava de mim era com o cabo da vassoura, tamanco... Quando me acertava, doía pra burro! Mas, pra ser sincero, eu a irritava de propósito. Era o único jeito de fazer com que a d. Jurema percebesse que eu ainda precisava que ela me notasse.”



ISBN: 978-85-88467-42-2



9 788588 467422